



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

HINGREED ANNE VIEGAS PINHEIRO

**SUBJETIVIDADES SILENCIADAS: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOB
A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E O MITO DO AMOR ROMÂNTICO**

Brasília
2022

HINGREED ANNE VIEGAS PINHEIRO

**SUBJETIVIDADES SILENCIADAS: A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOB
A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E O MITO DO AMOR ROMÂNTICO**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ciomara Schneider

Brasília, 17 de novembro de 2022.
2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso à Deus, à minha família, aos meus orientadores, professores e colegas, por caminharem junto comigo e me capacitarem através de bases sólidas, sem os quais eu não teria concluído este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por segurar na minha mão em todos os momentos, me dando força para concluir esta especialização.

À Professora Doutora Ciomara Schneider, pela oportunidade de ser sua aluna durante a especialização, bem como por sua orientação e pela paciência durante a elaboração do presente trabalho. Você foi fundamental durante esse período, me passando segurança na condução deste trabalho de uma forma leve como educadora que é, gratidão pela partilha de saberes.

Ao Professor Gilson Ciarallo, suas aulas foram agradáveis e divertidas, favorecendo a transmissão e compreensão dos conteúdos teóricos para construção deste trabalho.

Aos meus pais, Nisete e Jurandir, pelo apoio e incentivo, além de todo investimento dedicado aos meus estudos, mesmo nos momentos difíceis eu sei do esforço que fizeram para eu estar aqui, hoje, concluindo este trabalho.

Ao meu marido Renato, pelo incentivo, apoio e companheirismo, agradeço por caminharmos juntos.

Aos meus gatinhos e minha cachorrinha, pelas incontáveis noites que pude contar com o apoio, o acolhimento e a presença de vocês, anjos em minha vida.

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas.”

Audre Lorde

“Uma mulher que fala de amor é suspeita. Talvez isso ocorra porque tudo que uma mulher esclarecida teria a dizer sobre o amor representaria uma ameaça direta e um desafio às visões que nos foram oferecidas pelos homens.”

bell hooks

RESUMO

A violência doméstica e familiar é um problema social que viola os direitos das mulheres no Brasil. Este estudo tem por objetivo discorrer sobre a violência doméstica, o mito do amor romântico com fragmentos da teoria psicanalítica, tecendo contribuições para a compreensão de como a cultura e as relações podem influenciar nas opressões vivenciadas pelas mulheres e sua romantização, bem como a violência vem sendo naturalizada e reproduzida entre os pares. Essa revisão bibliográfica reuniu autores e estudiosos sobre o tema, fazendo um recorte, partindo de construções históricas em contraste com o início da pandemia até esta conjuntura. Constatou-se que o domínio do corpo nas relações afetivas ainda está presente em nossa sociedade, o que significa a necessidade da desconstrução da romantização das relações. Além disso, observou-se o impacto sobre as escolhas de objeto instauradas no imaginário da sociedade e as manifestações traumáticas na vida das mulheres.

Palavras-chave: Mulheres. Violência doméstica. Teoria psicanalítica. Pandemia de Covid-19. Mito do amor romântico.

ABSTRACT

Domestic and family violence is a social problem that violates women's rights in Brazil. This study aims to discuss domestic violence, the myth of romantic love with fragments of psychoanalytic theory, making contributions to the understanding of how culture and relationships can influence the oppression experienced by women and their romanticization, as well as how violence comes being naturalized and reproduced among peers. This bibliographic review brought together authors and scholars on the subject, making a cut, starting from historical constructions in contrast to the beginning of the pandemic until this juncture. It was found that the domain of the body in affective relationships is still present in our society, which means the need to deconstruct the romanticization of relationships. In addition, the impact on object choices established in society's imagination and the traumatic manifestations in women's lives was observed.

Keywords: Women. Domestic violence. psychoanalytic theory. Covid-19 pandemic. Myth of romantic love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE A VIDA DAS MULHERES	11
2 SURGIMENTO DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A VISÃO PSICANALÍTICA DOS TABUS SOCIAIS CONSTRUÍDOS SOBRE O FEMININO E VIOLÊNCIA	15
3 COMO A ESCOLHA DE OBJETO ESTABELECIDADA PELOS HOMENS CONTRIBUI PARA MANIFESTAÇÕES TRAUMÁTICAS	25
3.1 Contribuições Contemporâneas	32
3.2 Discussão Geral	39
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O impacto da pandemia sobre a violência doméstica é um assunto de suma importância, tendo em vista que o isolamento social e o uso de máscara são fatores indispensáveis de prevenção ao contágio do vírus. Foram várias as restrições propostas pelo sistema de saúde na quarentena, que promoveram formas de sobrevivência, já que não havia vacina no início da pandemia, em 2020.

Em consequência dessa necessidade advinda da pandemia, muitas famílias tiveram que manter o isolamento, e diante disso, a violência doméstica e familiar em vários lares se manteve invisibilizada, sem que as mulheres pudessem buscar ajuda por meio de uma rede de apoio ou dos dispositivos de proteção dadas as circunstâncias.

O presente estudo se propõe a compreender como a teoria psicanalítica pode contribuir para explicar os aspectos históricos, culturais e sociais acerca da violência doméstica e familiar, contemplando o mito do amor romântico como fator de romantização das relações afetivas vivenciadas através de inúmeras violências, que reproduzem o silenciamento dos corpos das mulheres e seus processos de subjetivação ao se depararem com uma sociedade rígida, que colabora para um silenciamento simbólico.

Este trabalho tem como objetivos específicos conhecer e identificar os fatores predominantes durante a pandemia de covid-19 nas relações familiares que constituem a violência doméstica, que podem ser caracterizados como dependência emocional e qual a dimensão que as mulheres têm ao se identificarem vivenciando relações violadoras de direitos.

Compreender os desdobramentos por se tornar consciente da romantização das violências sofridas por mulheres brasileiras, correlacionando com as contribuições da psicanálise e da pandemia, destacando os fatores socioculturais e sócio históricos que provocam o silenciamento dos corpos e a invisibilidade desta questão social são objetivos específicos deste trabalho.

Para alcançar esses objetivos, procedeu-se por meio de revisão bibliográfica, a partir de artigos publicados entre 2020 e 2021, e anteriores a este período que constam elementos históricos, a teoria psicanalítica, base para constituição deste estudo.

Este trabalho conduziu-se por meio de uma leitura psicanalítica acerca dos elementos que se traduzem na violência doméstica e que perfazem num discurso violador dos direitos das mulheres, amplamente discutido, mas que ainda hoje é invisibilizado no contexto familiar e social, permitindo conhecer e compreender como as relações intrafamiliares poderiam auxiliar na descoberta de novas informações, significados e a possibilidade de um olhar ampliado para uma causa que nos importa.

O presente trabalho foi então estruturado em 3 capítulos.

No primeiro capítulo, apresentam-se dados relacionados ao impacto da pandemia sobre a vida das mulheres no Brasil; o segundo capítulo destaca o surgimento do conceito de violência doméstica e a visão psicanalítica dos tabus sociais construídos sobre o feminino e violência; no terceiro capítulo, apresentam-se as escolhas de objeto feita pelos homens e como essas preferências influenciam na reprodução de violências simbólicas e subjetivas na vida das mulheres, contribuindo para manifestações traumáticas seguindo-se para a discussão, que contempla os resultados alcançados e apontam para a conclusão deste trabalho.

Espera-se que os achados desta revisão bibliográfica possam responder à pergunta “Como são as relações que permeiam as violências sofridas por mulheres brasileiras, partindo do mito do amor romântico e por quê essas relações reproduzem a dependência emocional e o silenciamento dos corpos?”

1 O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 SOBRE A VIDA DAS MULHERES

Com a finalidade de monitorar a violência doméstica no Brasil e na busca de informações que pudessem responder como a pandemia de covid-19 afetou a vida das mulheres, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP (2021) realizou uma busca de dados estatísticos nos meses de abril, maio e junho de 2021, em parceria com o Banco Mundial e descobriu que neste período houve redução nos “registros policiais de lesão corporal dolosa, ameaça, estupro e estupro de vulnerável contra mulheres”. Porém, houve aumento nos índices de feminicídio e homicídio neste período, observa-se que foi um alerta para aprofundar o estudo acerca dos conflitos familiares existentes nesse cenário e a realização de nova pesquisa (FBSP, 2021, p.7).

Em pesquisa qualitativa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP (2021) e pelo Instituto Data Folha durante a pandemia, aplicada por meio de questionário estruturado, em 130 municípios entre 10 e 14 de maio de 2021, com amostra total de 2.079 entrevistas, sendo 1.089 mulheres, destas 879 responderam por meio do autopreenchimento acerca do tema “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”.

A pesquisa revelou que “1 em cada 4 mulheres (24,4%) acima dos 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses durante a pandemia de covid-19”, esses dados indicam que “17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano.” Além disso, “73,5% da população brasileira acredita que a violência contra as mulheres cresceu durante a pandemia de covid-19.” (FBSP, 2021, p.10).

Dentre as mudanças ocorridas durante a pandemia em relação à rotina das famílias, “52,6% afirmaram que permaneceram mais tempo em casa”, 48% declararam redução na renda familiar, “para 44.4%, o período da pandemia de covid-19 significou também momentos de estresse no lar”, “33,0% perderam o emprego” e “30,0% tiveram medo de não conseguir pagar as contas” (FBSP, 2021, p.10).

Ainda nessa mesma pesquisa, as mulheres perceberam suas rotinas de forma desigual em relação aos homens, para 50,9% das mulheres o nível de estresse em casa devido a pandemia foi relatado como alto em comparação com o tempo que

os homens permaneceram em casa, 37,2%. A pesquisa aponta que esses dados estão vinculados ao papel de gênero que é desempenhado pelos padrões tradicionais que as mulheres exercem, do cuidado da casa e filhos, sinalizando que as mulheres ocupam mais tempo dedicado ao trabalho doméstico e para a família (FBSP, 2021, p.10).

Com base nas informações obtidas, “(25,9%) dos entrevistados afirmaram que passaram a desempenhar trabalho remoto em função da pandemia, sem diferença nos percentuais para homens e mulheres.” De acordo com a pesquisa, esse dado leva a discussão sobre a influência do isolamento social durante esse período ser favorável à violência, considerando “que os índices de isolamento social permanecem baixos e o trabalho remoto restrito às camadas mais abastadas da população.” Sendo que (41%) das mulheres que realizam trabalho remoto tem ensino superior, nas classes A e B (45% e 37%). O consumo de bebida alcoólica aumentou no último ano em relação à média entre os homens (17,6%) e (14,4%) da população relata que aumentou o consumo de bebida alcoólica (FBSP, 2021, p.10-11).

Os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) mostram que a violência contra as mulheres é cometida por pessoas conhecidas (72,8%), sendo (25,4%) para companheiros, cônjuges e namorados, para ex-cônjuges, ex-namorados e ex companheiros são (18,1%), a violência praticada por pais e mães consta em (11,2%) dos relatos, já a violência executada por filhos e filhas foi obtive um total de (4,4%), notou-se que o total de (72,8%) refere-se a uma alta porcentagem no contexto doméstico e intrafamiliar (FBSP, 2021, p.12).

Este dado confirma que o ambiente familiar, onde deveria ser um ambiente seguro tem se mostrado inseguro para as mulheres, sobretudo durante a pandemia, que mostra que (48,8%) das vítimas informaram que a violência aconteceu em casa, (19,9%) da violência contra as mulheres ocorreu na rua e (9,4%) contam que o trabalho foi onde a violência aconteceu. (FBSP, 2021, p.12).

O mesmo estudo também aponta que no Brasil, a violência de gênero é produzida por quem se relaciona com a vítima, e causada de diversas formas, como a física, a psicológica, a moral, sexual e patrimonial. Em virtude disso, a violência pode resultar em “ameaças, xingamentos, humilhações, perseguições, agressões físicas, estupros”, e o feminicídio, que é a forma letal da violência cometida.

De acordo com o FBSP (2021, p.26-27), a violência de gênero é uma categoria que ultrapassa desigualdades, sejam elas sociais, econômicas ou

territoriais, interiorizada socialmente no intuito de exercer práticas de poder entre opressor e oprimido, de maneira silenciada. A violência de gênero é permeada pelo medo e pela culpa, e isso faz com que a vítima tenha dificuldade em nomear a violência sofrida, pois além de acontecer no ambiente familiar, ocorre na esfera privada.

Considerar que o ambiente familiar seja seguro para a maioria das pessoas não reflete nos últimos doze meses a realidade das mulheres devido à pandemia, que diminui as possibilidades de acesso aos dispositivos de proteção, pois (48,8%) da violência sofrida pelas mulheres aconteceu em casa, (19,9%) adveio de violências sucedidas na rua, (9,4%) efetuaram-se no ambiente de trabalho e (1,8%) em bares e festas. (FBSP, 2021, p. 27).

A pesquisa nos revela que a crise sanitária só torna o enfrentamento ainda mais difícil: mulheres convivendo mais tempo com seus agressores, perda de renda familiar, aumento das tensões em casa, maior isolamento da mulher e consequentemente distanciamento de uma potencial rede de proteção (ONU MULHERES, 2020 apud FBSP, 2021).

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021, p.29) constatou que as mulheres buscaram por uma rede de apoio no âmbito familiar num total de (21,6%), o segundo suporte mais procurado pelas mulheres foram por meio dos amigos (12,8%), e a igreja, com (8,2%). As mulheres também acionaram delegacias especializadas (11,8%). (17,5%) das mulheres procuraram por delegacias comuns e a polícia militar recebeu (7,1%) das denúncias realizadas pelas mulheres através do número 190.

Foi possível realizar o registro de ocorrência eletrônica por meio virtual, devido à pandemia. (2,1%) das mulheres recorreram ao ligue 180, foram, uma ferramenta que auxilia as mulheres na realização de denúncias. “A maioria das vítimas ainda permanece em silêncio e 44,9% responderam que não fizeram nada. Apesar deste número ser elevado, representa um avanço em relação à última pesquisa, quando 52% das vítimas afirmaram não ter feito nada.” (FBSP, 2021. p.29).

Em pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Decode em (2020, p.16), com o tema Violência Doméstica durante a pandemia de Covid-19, encontrou evidências, dados e as experiências de outros países e destacaram linhas de atuação relevantes que poderão ser úteis posteriormente, como a possibilidade de tornar diversos os canais de denúncia devido a pandemia que colaborem para a que as mulheres consigam pedir ajuda, como “telefone, on-line” e também através dos serviços essenciais como “farmácias e

supermercados”, além disso, a criação de uma rede de apoio que considera vizinhos e familiares como possíveis aliados no combate à violência e a efetuar a denúncia caso a violência ocorra, pensando em estratégias de enfrentamento para redução dos riscos à mulher.

Essa pesquisa mostrou que a criação de campanhas que divulguem os serviços de proteção às mulheres contribui no sentido de que a sociedade possa reconhecer que é um problema social e que atue colaborando com a denúncia, fundamental para a redução da violência contra a mulher. Atitudes como essa auxiliam como forma de apoio à mulher na busca das medidas de proteção contempladas pela lei Maria da Penha até o período que for necessário para garantir sua proteção.

Por meio da pesquisa foi possível constatar que as redes sociais foram uma importante fonte de suporte para a promoção de auxílio através do setor público e da sociedade civil. Os estabelecimentos comerciais que receberam treinamento e promoveram campanhas educativas pelos meios de comunicação fortaleceram essa rede de apoio para direcionar as mulheres para o contato com a segurança pública. Além disso, as campanhas dentro dos condomínios residenciais foram fundamentais para que as ações de proteção fossem eficazes e efetivas (FBSP, 2020, p.16).

2 SURGIMENTO DO CONCEITO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A VISÃO PSICANALÍTICA DOS TABUS SOCIAIS CONSTRUÍDOS SOBRE O FEMININO E VIOLÊNCIA

As recomendações das autoridades de saúde para que se pratique o isolamento social como forma de frear o avanço da doença fez de muitas casas ambientes ainda mais perigosos. O isolamento traz consigo stress, depressão, abuso de álcool, aumentando a probabilidade de comportamento violento (OLIVEIRA et al., 2020).

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Avon, “Os brasileiros reconhecem as agressões como formas de violência doméstica” (AVON/IBOPE, 2011, p.8) estas, por sua vez, são mencionadas a seguir:

Entre os diversos tipos de violência doméstica sofridos pela mulher, 80% dos entrevistados citaram violência física, como: empurrões, tapas, socos e, em menor caso (3%), até a morte. Ou seja, a violência física é a face mais visível do problema, mas muitas outras formas foram apontadas pelos entrevistados. 62% dos entrevistados reconhecem agressões verbais, xingamentos, humilhação, ameaças e outras formas de violência psicológica como violência doméstica. Violência moral (6%) – calúnia, difamação, injúria etc. – e violência sexual (6%) – obrigar a mulher a fazer sexo contra sua vontade, estupro etc. – também foram apontadas pelos entrevistados. A violência patrimonial, mencionada na Lei Maria da Penha, não foi citada nessa pesquisa de forma espontânea. (AVON/IBOPE, 2011, p. 8).

Santos (2014, p.109), destaca que no conceito de violência em sua etiologia

Existe uma distinção entre agressividade e violência no qual a violência é tão somente uma das maneiras de manifestação da agressividade, toda violência pressupõe agressividade, porém nem toda agressividade implica violência, assim não-violência. Sendo a agressividade uma condição ineliminável da atividade do mundo dos homens, não se deve confundir agressividade com violência (SANTOS, 2014, p.109).

A Lei Maria da Penha, Lei Federal nº 11.340/06 foi criada com o intuito de gerar mecanismos que atuem de forma mais rigorosa quanto aos crimes de violência contra a mulher (OLIVEIRA et al., 2020).

De acordo com o Art.5º,

TÍTULO II DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER.
CAPÍTULO I. DISPOSIÇÕES GERAIS. “Art. 5º Para os efeitos desta lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006).

Dentre os tipos de violência doméstica apresentados pelo Instituto Maria da Penha (IMP), “estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a

mulher na Lei Maria da Penha: **física, psicológica, moral, sexual e patrimonial** – Capítulo II, art 7º, I, II, III, IV, V” (IMP, 2018).

De acordo com a Lei nº 11.340/06, há cinco tipos de violência doméstica:

DAS FORMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER. Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018) III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos; IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades; V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. (BRASIL, 2006).

A psicóloga norte-americana Lenore Walker, citada pelo Instituto Maria da Penha (IMP), observou que há um ciclo de agressões que acontecem repetidas vezes, embora o Instituto Maria da Penha reconheça a diversidade de dinâmicas que ocorrem nas relações (IMP, 2018).

De acordo com Lenore Walker citada pelo Instituto Maria da Penha (IMP), na fase 1, nomeada como “aumento da tensão”, que segundo a autora, em um primeiro momento há irritação e raiva por parte do agressor. Nesse instante, para que cesse as brigas, a mulher age na tentativa de acalmá-lo, evitando o conflito, mas percebe que causa inúmeras reações emocionais a si mesma, causando prejuízos à sua saúde mental, “tristeza, angústia, ansiedade, medo e desilusão” são alguns desses sintomas.

Em muitos momentos a mulher busca ignorar que seja violência, procura não comentar com pessoas que tem maior proximidade, e segue justificando a si mesma de que é responsável pelos empreendimentos da ação violenta como também que situações ambientais foram a causa da violência, a mulher não reconhece que o comportamento violento é o gerador das ações de violência. Essas ações podem

ocorrer por dias ou até anos, e como a violência vai aumentando, indica a possibilidade de chegar à fase 2. (IMP, 2018).

Na fase 2, chamada “ato da violência”,

Esta fase corresponde à explosão do agressor, ou seja, a falta de controle chega ao limite e leva ao ato violento. Aqui, toda a tensão acumulada na Fase 1 se materializa em violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial. Mesmo tendo consciência de que o agressor está fora de controle e tem um poder destrutivo grande em relação à sua vida, o sentimento da mulher é de paralisia e impossibilidade de reação. Aqui, ela sofre de uma tensão psicológica severa (insônia, perda de peso, fadiga constante, ansiedade) e sente medo, ódio, pena de si mesma, vergonha, confusão e dor. (IMP, 2018).

Esse é o momento em que as mulheres procuram por auxílio através de pessoas próximas, vizinhos, amigos, familiares, ou dispositivos de proteção, assim como de ações para a descoberta de um local que seja seguro, nessa ocasião, a mulher procura se afastar do agressor e também busca pelo pedido de separação ou cometer suicídio, são ações mencionadas.

Para a autora, a fase 3, chamada de “fase de arrependimento” ou “lua de mel”,

(...) se caracteriza pelo arrependimento do agressor, que se torna amável para conseguir a reconciliação. A mulher se sente confusa e pressionada a manter o seu relacionamento diante da sociedade, sobretudo quando o casal tem filhos. Em outras palavras: ela abre mão de seus direitos e recursos, enquanto ele diz que “vai mudar”. Há um período relativamente calmo, em que a mulher se sente feliz por constatar os esforços e as mudanças de atitude, lembrando também os momentos bons que tiveram juntos. Como há a demonstração de remorso, ela se sente responsável por ele, o que estreita a relação de dependência entre vítima e agressor. Um misto de medo, confusão, culpa e ilusão fazem parte dos sentimentos da mulher. Por fim, a tensão volta e, com ela, as agressões da Fase 1. (IMP, 2018).

Segundo o Instituto Maria da Penha, “Com o tempo, os intervalos entre uma fase e a outra ficam menores, e as agressões passam a acontecer sem obedecer à ordem das fases. Em alguns casos, o ciclo da violência termina com o feminicídio, que é o assassinato da vítima.” (IMP, 2018).

Freud (1913/1996, p.37), conceitua tabu como:

O significado de ‘tabu’, como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. O inverso de ‘tabu’ em polinésio é ‘noa’, que significa ‘comum’ ou ‘geralmente acessível’. Assim, ‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa acepção de ‘temor sagrado’ muitas vezes pode coincidir em significado com ‘tabu’

De acordo com Freud, o significado de tabu por meio das palavras sagrado, misterioso, perigoso, proibido e impuro sinalizam no contexto da violência doméstica e familiar que as violências permanecem um assunto que não deve ser comentado,

com a frase clichê “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, destas manifestações que contribuem para que as mulheres tenham dificuldades em procurar por ajuda, muitas das vezes, por meio da própria família, que naturaliza e romantiza a possibilidade da mulher dar uma nova chance ao cônjuge, não considerando que a mulher possa sair do ciclo da violência para ir em busca de relações saudáveis, ou ainda, que mesmo agredindo-as devem permanecer silenciadas, uma violência que traz inúmeros prejuízos na vida da mulher, ou ainda, de que ela não decida sobre o seu corpo, sobre suas escolhas, sobre um direito individual, o de não querer continuar em um relacionamento abusivo e violento.

O ciclo da violência faz com que muitas mulheres não se tornem conscientes da violência, devido ao machismo e à cultura patriarcal existente em nossa sociedade ainda tão presente, que idealiza a mulher como um corpo dócil, lembrando do conceito clássico de Foucault (2014, p.223), para o controle e poder dos homens, mesmo sendo esse um problema social, é um dos tabus existentes em nossa cultura.

A sociedade tem discutido e trazido para o diálogo por meio de lives e ciclos de palestras, em meio à pandemia de covid-19, como uma possibilidade de orientar as mulheres que as ações violentas não sejam mais toleradas, e que as mulheres não têm que aceitar tudo em nome das relações e para isso, ações de prevenção e enfrentamento foram propostas com a finalidade de que o ciclo da violência contra as mulheres seja rompido e que as medidas de proteção ocorram de forma efetiva.

As mulheres que sofrem violência não falam sobre o problema por um misto de sentimentos: vergonha, medo, constrangimento. Os agressores, por sua vez, não raro, constroem uma autoimagem de parceiros perfeitos e bons pais, dificultando a revelação da violência pela mulher. Por isso, é inaceitável a ideia de que a mulher permanece na relação violenta por gostar de apanhar. (IMP, 2018).

Importante salientar que as diretrizes que compõem a Lei Maria da Penha consolidam um marco em defesa dos direitos e da liberdade das mulheres. Embora a Lei Maria da Penha seja fundamental para a prevenção e assistência às mulheres, esta conjuntura tem promovido o isolamento social como forma de proteção ao vírus, no entanto, é no mesmo ambiente familiar que as vozes das mulheres são silenciadas.

A lógica patriarcal conferiu ao homem um lugar privilegiado, seja ele marido / companheiro ou pai. Apesar de a mulher ser considerada a “rainha do lar”, o seu reinado tem um limite, exatamente o espaço doméstico, estando o mesmo submetido ao poder exercido pelo homem. A sociedade atribui outros valores ou divisões que são determinadas pelas condições de inserção de classe e etnia, que atribuídos à condição de gênero traz a mulher um lugar mais subalterno na sociedade vigente (SANTOS, 2014, p. 110).

Neste cenário, ao olhar para o lugar onde as mulheres estão inseridas, são reveladas relações de submissão, evidenciando o controle e dominação das mulheres, cabendo à elas a função única e exclusiva de cuidar, de organizar, limpar, reproduzindo a lógica da divisão sexual do trabalho, que mesmo em 2021 ainda apresenta um verdadeiro retrocesso em meio aos direitos conquistados pelas mulheres, que vem sendo romantizado e naturalizado no ambiente familiar e nas relações sociais como algo normal, em processos construídos historicamente de forma inconsciente, onde a mulher não consegue buscar por oportunidades de trabalho, pois está sempre cheia de atividades domésticas que nunca acabam, em uma vigilância que nunca cessa.

Desta maneira, contribui para que as mulheres continuem prisioneiras, ao se depararem sem uma rede de apoio, ou quando se percebem nessas teias, se sentem paralisadas para buscar por políticas públicas e sociais ou por informações que as auxiliem a sair do ciclo da violência.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente, no decorrer da Época Clássica, são construídos esses “observatórios” da multiplicidade humana para as quais a história das ciências guardou tão poucos elogios. Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-lo. (FOUCAULT, 2014, p.168).

A disciplina dos corpos vem sendo observada através das lentes atentas das figuras de poder, que buscam o silenciamento dos corpos para obter vantagens, seja nas relações de trabalho ou de dominação como no caso das mulheres, produzindo a violência sexual e psicológica, que é física e simbólica, produzindo sofrimento a quem vivencia e sobrevive às várias violências, do poder que invalida e silencia as expressões da dor e da linguagem “do não quero”, do silêncio que diz tanto no campo da subjetividade.

De acordo com Freud (1913/1996), a palavra tabu está relacionada a “atitudes mentais” e “ideias que parecem realmente distantes de nossa compreensão”. Segundo Freud (1913/1996), dificilmente haveria possibilidade de acesso a elas sem o exame das “crenças em fantasmas e espíritos que é característica desses baixos níveis de cultura”.

[...] outra é que as proibições morais e as convenções pelas quais nos regemos podem ter uma relação fundamental com esses tabus primitivos e, finalmente, porque uma explicação do tabu pode lançar luz sobre a origem obscura de nosso próprio 'imperativo categórico'. (FREUD, 1913/1996, p. 41).

A palavra tabu em contraste com a violência doméstica e familiar ainda hoje tem seus reflexos nas relações afetivas e familiares, pois ao mesmo tempo em que é tema de inúmeras discussões, a violência vem de gerações influenciando famílias na reprodução da violência, quando não é permitido falar sobre esse tabu, do não questionamento, para manter-se distante de brigas, do barulho que os vizinhos possam ouvir, como uma família perfeita, para não discutir, não bater de frente e por medo e ausência de apoio, ocorre a conformidade em aceitar o mínimo em uma vida inteira sem olhar para si. O diálogo é fundamental para que os temas tabus sejam desconstruídos, falar sobre como as agressões e o silêncio podem causar prejuízos para as mulheres, ocupar lugares de fala faz com que mais vezes, as mulheres se tornem protagonistas de suas vidas e sintam-se fortalecidas.

O ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivo, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens. Tendo surgido em certo momento não especificado, são forçosamente mantidas por um medo irresistível. Não se faz necessária nenhuma ameaça externa de punição, pois há uma certeza interna, uma convicção moral, de que qualquer violação conduzirá à desgraça insuportável. O máximo que um paciente obsessivo pode dizer sobre esse ponto é que tem uma sensação indefinida de que determinada pessoa do seu ambiente será atingida como resultado da violação. Nada se sabe sobre a natureza do mal e na realidade até mesmo essa dose insignificante pequena de informação é com mais frequência obtida em conexão com as ações expiatórias e defensivas que mais adiante teremos de examinar do que com as próprias proibições (FREUD, 1913/1996, p.45).

O mito do amor romântico ocorre nas relações onde a obediência e a submissão através das figuras de poder, seja pelo pai, e quando casada, pelo marido, ou nas relações parentais, são reproduzidas por gerações, representadas por uma lógica patriarcal, nomeada pelo "respeito", que na verdade faz muito mais sentido pensar uma relação de medo, pois, nessa reprodução do lugar da mulher, silenciada pelas figuras parentais primárias, na impossibilidade de opinar sobre determinado assunto, as mulheres estão sendo ensinadas desde a infância por imitação e pela disciplina, que a mulher deve ocupar um lugar de obediência, que as mantém invisibilizadas, seguindo por uma base familiar sob o viés do patriarcado, onde a aprendizagem por imitação revelou-se como adequada.

A palavra 'tabu' denota tudo – seja uma pessoa, um lugar, uma coisa ou uma condição transitória – que é o veículo ou fonte desse misterioso atributo.

Também denota as proibições advindas do mesmo atributo. E finalmente, possui uma conotação que abrange igualmente 'sagrado' e 'acima do comum', bem como 'perigoso', 'impuro' e misterioso. (FREUD, 1913/1996, p.40).

As construções produzidas pela sociedade colocam-nas em um lugar de romantização da violência, que para caber na sociedade, é necessário seguir regras rígidas, e quanto mais a mulher cuida, organiza, limpa e atende às expectativas colocadas sobre ela, mais as mulheres se tornam reféns de um incessante e árduo trabalho, como objeto do lar, num processo análogo ao modelo escravagista, da divisão sexual do trabalho, do trabalho não remunerado, onde é exigido implicitamente grandes esforços, prejudicando a saúde física e psicológica das mulheres, em que o silenciamento da sociedade colabora para que esse trabalho continue sendo invisibilizado e a pandemia vem corroborando para que as violências permaneçam ocultas, pois é neste mesmo ambiente de obediência e controle que as relações de poder reproduzem violências.

Neste ponto, há um empobrecimento de si para atender às expectativas do outro, para aceitação e uma série de necessidades a serem atendidas, que diante do ciclo da violência não é possível reconhecer a sua anulação em benefício de outrem, não é consciente no que diz respeito à violência, pois visa sempre produzir o bem-estar do outro independente do que é produzido nas mulheres, “ele me bateu porque me ama”, “ele não fez por mal”, “ele me bateu porque estava estressado”, “quem ama sente ciúmes” e tantas outras formas de romantizar agressões físicas e psicológicas.

As violências se tornam muito mais difíceis de serem percebidas pois as referências que foram internalizadas de afeto dos pais um para com o outro na presença dos filhos são as mesmas nas escolhas afetivas, e há uma tendência a reproduzir relações parecidas por meio da identificação do eu ideal, ou seja, do que é esperado das mulheres, da mãe que cuida dos filhos e da casa e recebe violência e olhares punitivos para atender às expectativas do outro [que também reproduz vivências devido às identificações das figuras de referência], por acreditar que as angústias serão cessadas, só que não cessa, resultando em desamparo e em manifestações traumáticas.

Freud (1914/1996) descreve o narcisismo como um ato psíquico que ocorre em meio às experiências advindas de um momento inicial, por meio do autoerotismo, em que as pulsões buscam autossatisfação independente do outro. A partir do ideal do eu, essa instância inalcançável e simbólica, formada a partir do complexo de Édipo, o

sujeito pode identificar-se com figuras que simbolizam admiração, representações do ideal de amor, pode vir a esvaziar-se inteiramente do que tem para satisfação do outro, doando tudo de si tornando-se objeto, essa forma de satisfação por meio do eu ideal, pela humilhação, do rebaixamento do eu em momentos de crise, proporciona uma suspensão dessa distância (FREUD, 1914/1996, p.81-108).

A partir do momento em que as mulheres conseguem conhecer e compreender os seus direitos, da potência que a sua voz simboliza através da linguagem, dos dispositivos de proteção, elas se tornam conscientes diante dos pares, reconhecem uma vida inteira vivida em prisões, prisões disfarçadas de “lares”, de ambientes “seguros”, de anulação de si, e essa suposta segurança que causa insegurança vem caracterizada por medos, seja de opinar, de abrir as portas e conhecer a possibilidade de liberdade, pois até isso as fazem sentir culpadas, assim como no mito da caverna de Platão, as ensinam a ter medo de ver a luz do conhecimento, e veem o mundo lá fora como perigoso, sim, ele é perigoso e tem diversas formas de exclusão social, mas a liberdade de pertencer a si traz um significado único e individual, as mulheres se reconstróem de novos significados, liberdade, pertencimento de si mesma e de autonomia.

Reconhecer o próprio desejo após o processo de luto, é parte do Ideal do Eu, onde o sujeito volta-se para si, esse voltar-se após o ciclo da violência é fundamental para seguir em frente, enchendo de si mesma, em relações pautadas na reciprocidade e no respeito aos seus desejos que proporcionem bem-estar.

Em Psicologia das massas e análise do eu, Freud (1914/1996) colocou o ideal do eu em primeiro plano, diferenciando-o do eu, podendo “se engajar em conflitos com ele” e chamando essa instância de ideal do eu, tendo “como funções a auto-observação, a consciência moral, a censura onírica e o exercício da influência essencial no recalque. Dissemos que ela era herdeira do narcisismo primário, em cujo seio o eu da criança bastava a si mesmo”. O sujeito instaura o objeto de satisfação amorosa no ideal do eu, do ideal para a sociedade, local onde o sujeito monta as suas estruturas de admiração, neste caso, as mulheres procuram se encaixar nesses padrões sociais para serem aceitas, para caberem nos modelos estabelecidos e inalcançáveis constitutivos do narcisismo e do patriarcado esvaziando sua energia libidinal. No entanto, para os homens, as mulheres existem para satisfação dos seus desejos, constituindo-se pela supervalorização de si em oposição a existência das mulheres e seus desejos para o exercício do domínio. (ZIMERMAN, 2008, p.362).

Para Freud (1914/1996), o eu ideal é a instância que estabelece as expectativas que o outro espera serem atendidas, se posicionando como objeto para o outro, no caso dos pais, ao projetar seus ideais nas filhas e filhos.

O narcisismo segundo Kohut era, portanto, um equivalente da pulsão* de morte freudiana. Era uma doença da personalidade, uma patologia, e levava a uma “raiva” de destruição do outro*, que era apenas a contrapartida do medo que o self tinha de ser vítima de seu próprio aniquilamento (ZIMERMAN, 2008, p.437).

Colocar-se como objeto traz uma importância extrema ao que o outro deseja, que as fazem sentirem que nunca conseguirão ser um modelo ideal de mulher desejável, e as relações estabelecidas de poder se apropriam dessa possibilidade para satisfação individual, em detrimento do que isso representa para o outro, num ápice do “narcisismo *destrutivo*, como denomina Rosenfeld (1971), ou, segundo Green (1976), narcisismo de *morte*, ou, ainda, narcisismo *negativo* (consiste no direcionamento, para o *self*, da destrutividade, a qual fica idealizada)” (ZIMERMAN, 1999, p.156).

O medo que existe em denunciar a violência é um temor constituído nas relações de poder, patriarcais e provindo da cultura, assim como um totem, uma figura que se apresenta diante do clã como representante da ordem, do poder e do medo, e mesmo sem dizer nada, é uma figura que apresenta certa ambivalência, pois ao mesmo tempo que poupa os seus, ele também pode ser perigoso e temido, ele pode ser socialmente amável, e dentro do lar, cometer violência contra a mulher.

[...]O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece a poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais (FREUD, 1913/1996, p. 22).

O silenciamento da violência contra as mulheres em uma sociedade que valida o totem por estabelecer socialmente uma predominância do machismo, onde a voz da mulher não é validada por seu gênero reproduz mais medo. Diante do cenário da pandemia é inquietante imaginar o quanto há de medo em se afastar do agressor, em buscar ajuda, já que muitas vezes, há um silêncio social, que ignora a violência naturalizada com a crença de que brigas e violências são normais nos

relacionamentos, por isso a dificuldade das mulheres reconhecerem-se diante de uma relação abusiva, pela naturalização com que a violência contra a mulher é estruturada.

3 COMO A ESCOLHA DE OBJETO ESTABELECIDADA PELOS HOMENS CONTRIBUI PARA MANIFESTAÇÕES TRAUMÁTICAS

Para Freud (apud ZIMERMAN, 2008, p.28), “a qualidade do amor sempre está ligada a algum tipo de arranjo entre as pulsões de vida e de morte, de que podem resultar as diversas formas de o sujeito amar e ser amado.”

Segundo Freud (1910/1996, p. 190) “quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisem amar, de modo a manter sua sensualidade afastada dos objetos que amam;”. As relações baseadas em modelos patriarcais onde os homens não demonstram fragilidades enfrentam desafios, dentre eles, a ausência nas relações afetivas, onde as mulheres ideais são aquelas que satisfazem as necessidades masculinas desde o cuidado até as relações afetivas e sexuais, por outro lado, recebem ausências, silenciamento e solidão, em troca de um modelo de união estável, que por sua vez, é rotineiramente naturalizado por conta do lugar que ocupam, da mulher perfeita, da mulher que não questiona, em contrapartida, relacionar-se para a mulher, significa que ambos estão mantendo vínculos de afeto e pertencimento, que correspondem ao relacionamento propriamente.

Pensar nesse formato interiorizado pelas mulheres acerca do cuidado deixam-nas em vulnerabilidade no que diz respeito à sexualidade, pois toda expressão do desejo significaria um tabu no sentido de que o modelo ideal de mulher estaria ameaçado e vai de encontro com o sentimento de culpa pelo desejo do objeto sexual pelas mulheres, esta é uma forma de barrar a mulher acerca do encontro com seus desejos, o que seria, o próprio silenciamento dos corpos, na sua forma física e psíquica, em sua não-expressão da sexualidade, do seu não-desejo no encontro com o outro, contrário à libido no seu sentido mais íntimo e recíproco.

A violência vem com esses não-ditos, não expressados, que só ela é capaz de sinalizar, por meio de olhares que punem, e aceitação vão sendo reproduzidas pelo medo de mais violência, sendo que a manutenção de tais relações violentas por si só, configuram formas silenciosas de reproduzi-las.

Freud (1910/1996, p.173-174) em seu artigo “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910)”, descreveu

condições que seriam necessárias ao amor, como “tipos de escolha de objeto”, são quatro precondições:

(1) A primeira dessas precondições para o amor pode ser descrita como positivamente específica: onde quer que ela se manifeste, pode-se procurar a presença de outras características desse tipo. Pode-se designá-la a precondição de que deva existir ‘uma terceira pessoa prejudicada’; estipula que a pessoa em questão nunca escolherá uma mulher sem compromisso, como seu objeto amoroso – isto é uma moça solteira ou uma mulher casada livre – mas, apenas, aquela sobre a qual outro homem possa reivindicar direitos de posse, como marido, noivo ou amigo. Em alguns casos, essa precondição evidencia-se de modo tão convincente que a mulher pode ser ignorada ou mesmo rejeitada, desde que não pertença a qualquer homem, mas torna-se objeto de sentimentos apaixonados, tão logo estabeleça um desses relacionamentos com outro homem (FREUD, 1910/1996, p.174).

De acordo com Freud (1910/1996, p.174) nesta primeira precondição “fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada,” já na segunda precondição a seguir, “a da mulher de assemelhar a uma prostituta, se relaciona à experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo.”

Segundo o autor, “Sua paixão só atinge o apogeu e a mulher só adquire pleno valor quando, apenas, conseguem sentir ciúmes e eles nunca deixam de aproveitar a ocasião que lhes permita experimentar essas emoções tão poderosas.” Para Freud, “o incomum é que se torna alvo desse ciúme não o possuidor legítimo da pessoa amada, mas estranhos que fazem seu aparecimento pela primeira vez, em relação aos quais a amada pode ser induzida sob suspeita.” Freud destaca que “o amante não demonstra qualquer desejo de posse exclusiva da mulher e parece sentir-se perfeitamente à vontade na situação triangular.”

(2) A segunda precondição é talvez menos frequente, mas não menos digna de nota. Deve-se encontrar em conjunção com a primeira para que o tipo se configure, enquanto a primeira precondição parece ocorrer muito amiúde, também, independentemente. Consiste a segunda precondição no sentido de que a mulher casta e de reputação irrepreensível nunca exerce atração que a possa levar à condição de objeto amoroso, mas apenas a mulher que é, de uma ou outra forma, sexualmente de má reputação, cuja fidelidade e integridade estão expostas a alguma dúvida. Esta última característica pode variar dentro de limites substanciais, do leve murmúrio de escândalo a respeito de uma mulher casada que não seja avessa a namoricos, até o modo de vida francamente promíscuo de uma *cocote* ou uma profissional na arte do amor; mas os homens que pertencem ao tipo que descrevemos não ficarão satisfeitos sem algo desta espécie. Pode-se designar esta a segunda condição necessária, de maneira um tanto crua, ‘amor à prostituta.’ (FREUD, 1910/1996, p. 174).

Freud traz uma terceira precondição, acerca do amor normal, que podemos ver nas relações onde há toda uma devoção e fidelidade ao marido, e a mulher se torna valiosa, elas são as únicas mulheres possíveis de amar, um amor que tem um viés normativo e social, considerando a possibilidade do homem relacionar-se sexualmente com profissionais do sexo, sem que haja compromisso e afeto, esse afeto é dedicado ao objeto amoroso de alto valor, ou seja, a mulher da qual é casado.

(3) No amor normal, o valor da mulher é aferido por sua integridade sexual, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de ser semelhante a prostituta¹. Por conseguinte, o fato de que as mulheres com essa característica sejam consideradas pelos homens do tipo em questão como *objetos amorosos do mais alto valor* parece constituir acentuável desvio do normal. Seus relacionamentos amorosos com essas mulheres exigem-lhes enorme dispêndio de energia mental, com exclusão de todos os demais interesses; elas são sentidas como as únicas pessoas a quem é possível amar, e a exigência de fidelidade que o amante faz a si próprio repete-se, sempre e sempre, não obstante quantas vezes, na realidade, seja transgredida. (FREUD, 1910/1996, p. 175).

Importante destacar que o desejo em suas formas de expressão não é considerado para o objeto amoroso de alto valor, conforme o próprio nome traz, objeto amoroso, a mulher é lida como objeto, e ao mesmo tempo, de alto valor, afirmar neste cenário a mulher como de alto valor, seria no mínimo contraditório, ao mesmo tempo em que invalida e reproduz um discurso do imaginário masculino nos dias atuais, que coloca a mulher como objeto, mas como é possível perceber, viola o direito das mulheres no que tange aos direitos sobre o próprio corpo, do desejo, da vontade, no campo subjetivo e individual, e “do mais alto valor”, ou seja, sem perder o seu valor, que é vindo de valores sócio histórico e culturais e suas normas, que hoje, ainda é uma forma de reproduzir os silêncios nas relações afetivo-sexuais, um tabu, o mesmo tabu conforme fora trazido por Freud.

Outro ponto importante, é o fato de que as informações escritas nos artigos Freudianos em consonância com a atualidade, revelam formas de relacionar-se muito comuns e muitas das vezes não são questionadas nos tempos atuais, e traz à reflexão de como pode alguém ser amado em sua totalidade sem ao menos considerar a mulher como uma pessoa que realiza os seus desejos, e que possa relacionar-se da mesma forma como os homens, sem reduzir o seu valor ou se tornar de “má reputação” por relacionar-se com homens fora do casamento, essa discussão é uma forma de levantar questionamentos sobre o quanto a sociedade está sempre dizendo o que acham ser melhor para as mulheres, e minimamente ouvi-las, deveria ser

considerado, nada mais representativo do que mulheres falarem sobre suas próprias energias libidinais e que versam sobre o desejo.

É fundamental levantar discussões do quão violador foram estabelecidas normas e regras sobre como as mulheres deveriam ser e são lidas, como objetos, seja objeto sexual, não amado, ou objeto do mais alto valor, sem direito de expressar-se, no campo do desejo, da sua sexualidade, sobre afetividade, reciprocidade e companheirismo.

A forma como o afeto foi simbolizado para as mulheres repete-se nos relacionamentos violentos, por um lado, provindo da romantização e repetição, e por outro, de objeto não amado, mas de realização libidinal masculina, nos dois lados, a mulher está sempre tendo que caber para se adequar, e nada é mais perverso do que a anulação das diversas formas de expressão e silenciamento das mulheres.

(4) O que é mais espantoso, para o observador de amantes desse tipo, é a ânsia que demonstram de 'salvar' a mulher amada. O homem se convence de que ela precisa dele, que sem ele perderá todo o controle moral e, rapidamente descerá para um nível lamentável. Salva-a, portanto, por não a abandonar. Em certos casos individuais, a ideia de ter de salvá-la pode ser justificada por alusão à sua inconstância sexual e aos perigos de sua posição social: mas não é menos evidente quando isto, na realidade, não possui base. (FREUD, 1910/1996, p 176).

Neste ponto, ao compreender o mito do amor romântico em contraste com este trecho que trata da quarta condição necessária ao amor, no artigo de Freud, a romantização do lugar da mulher e do ideal no imaginário masculino, significa que a mulher precisa ser salva, mas porque a mulher precisaria ser salva por quem a ama? E por que o homem precisa socialmente provar que a mulher precisa dele? Se ele fosse tão valoroso quanto a mulher, não precisaria exercer tanto controle para se reafirmar diante da mulher, isso mostra claramente formas de poder instituídas socialmente e moralmente para a manutenção do controle dos corpos das mulheres, fazendo-as acreditarem que sem os homens, perderiam todo o valor que representam como objeto amoroso e estariam vulneráveis sem a presença deles.

Freud (1910/1996, p. 176) escreve que as escolhas amorosas de objeto vêm condicionadas de uma configuração primária, onde a fixação na infância acerca dos sentimentos nutridos pela mãe resulta nessa fixação, que correspondem às escolhas objetais na vida adulta.

Este ponto explica como as figuras primárias de referência da qual o ideal do eu vai se aproximar na vida adulta, em relação aos objetos amorosos e como a constituição psíquica vai se apropriar como figura de poder para consolidar-se nas próprias escolhas de relações na vida adulta, da escolha objetal por meio da identificação da mulher que mais apresenta-se parecida com a figura materna e de si enquanto figura de poder, para aproximação do objeto amoroso de mais alto valor, aquela que se assemelha à sua mãe e apresenta certa vulnerabilidade e dependência emocional.

Nas relações onde o imaginário masculino cria pensamentos fantasiosos de que a mulher esteja o traindo e por isso a agride, despreza-a e ridiculariza diante da família e dos filhos, cabe a colocação de que fora interiorizado ou tenha havido a reprodução a partir das figuras primárias em que a criança tenha idealizado a mãe como objeto de desejo e rivalizado o pai, contextualizando aqui o pai como rival diante da mãe, impedindo a realização do seu desejo, no exercício do “controle do complexo de Édipo” como vemos a seguir.

Freud (1910/1996, p. 179) descreve que quando o menino chega a compreensão de que pode relacionar-se com profissionais do sexo, desperta no menino o desprezo ao ter conhecimento da existência de relações sexuais quando se tornar adulto. O menino desperta em si memórias dos seus desejos, ativando impulsos psíquicos.

A partir desse momento, a criança deseja a mãe para si e desperta o ódio pelo pai, pois o pai se torna um empecilho para a realização do desejo do menino, passando a ser controlado pelo complexo de Édipo. Considera que a mãe o traiu ao escolher o pai para relacionar-se sexualmente, sentindo-se decepcionado por não ser escolhido e priorizado pela mãe naquele momento.

Para Freud (1914b/2006 apud SCHNEIDER, 2017, p.83), o amparo dos pais garante a manutenção das necessidades básicas de sobrevivência do bebê, validando o seu próprio eu narcísico. No entanto, para que ocorra a constituição do Eu Ideal retirada da libido do mundo externo, é necessário que ocorra um afastamento entre o Eu narcísico primário, com a finalidade de produzir a sublimação da pulsão sexual auto erótica, e, como resultado, a constituição da imagem ideal de si.

Essa forma de consolidar-se nas relações com o objeto amoroso, são descobertas na pré-puberdade, conforme Freud (1910/1996, p. 178) trata em seu artigo, e essas informações simbolicamente geram significados diferentes para cada menino, sendo elas de “desprezo e rebeldia”.

Em Freud (1912/1996, p. 187) “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)” há alguns pontos essenciais para composição da escolha do objeto amoroso e na sua depreciação que explica como a violência pode ser instaurada nas relações familiares. As fixações instituídas pelo campo simbólico da criança ocorrem na infância e trazem com elas o erotismo, na puberdade, Freud utiliza o termo “poderosa corrente ‘sensual’”, que se mantêm como uma força poderosa instalada no indivíduo como parte de sua personalidade, influenciando em suas escolhas objetais amorosas de forma positiva ou negativa.

Freud (1912/1996, p. 189-190) descreve dois fatores referentes à libido e afirma ainda, que eles podem ser falhos, primeiramente, Freud aponta para a frustração gerada quando a escolha de objeto pode não ser a mais adequada ou se não será permitido fazê-lo por si mesmo. Em seguida, a atração que é acompanhada pelos objetos infantis, capazes de exercer a atração deverão ser abandonadas em conformidade com as forças psíquicas direcionadas a um objeto específico, utilizando-se de representações mentais eróticas.

Freud aponta que “Toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções personificadas na arte de amar tanto sagrada como profana (ou animal).” FREUD (1912/1996, p. 190).

Entende-se, portanto, que em uma relação onde há a prática da violência sexual contra a mulher, poderá ocorrer manifestações traumáticas, dessa forma, as representações de afeto são frustradas, e o ideal do amor não se realiza, pois toda a idealização provinda de uma representação familiar primordial foi frustrada, nesse sentido, ao se tornar consciente de que o ideal criado não se consolidou de forma positiva, dá-se início ao sofrimento psíquico, essa parte que fora desconhecida pela mulher, por conta da idealização interiorizada através das figuras primárias de referência e que dão início e continuidade ao ciclo da violência de forma reiterada.

Este ponto explica porque muitas mulheres se relacionam repetidas vezes em relações amorosas que caminham para a recorrência de relacionamentos onde a

violência doméstica e familiar se faz presente em algum momento do vínculo afetivo amoroso.

De acordo com Zimerman (2008, p.79-80), “o conflito psíquico pode ter distintas abordagens, como a usada na *teoria estrutural topográfica* [referindo-se à Primeira Tópica e as divisões do aparelho psíquico em níveis de conteúdo inconsciente, conteúdo pré-consciente e conteúdo consciente] já na *teoria estrutural*, [chamada também de Segunda Tópica, que, em um segundo momento, atribuiu as divisões constituintes da mente nos elementos id, ego e superego].”

Zimerman (2008, p.80) pontua que como “exemplos do primeiro caso” o consciente contrário ao inconsciente, e um exemplo trazido pelo autor é o processo primário e o secundário. Já no segundo, o autor comenta que “as pulsões do id em conflito ora contra as defesas do ego, ora contra as ameaças do superego e outras vezes alguma pulsão do id (como a de vida) está em conflito com outra pulsão (como a de morte);” e para finalizar, traz o princípio de prazer versus o princípio de realidade.

Desta forma, Freud (1915/1996 apud ZIMERMAN, 2008, p.29) no artigo “os Instintos e suas vicissitudes”, sustenta que as pulsões sexuais e seus destinos, na representação do amor, pode, com frequência, se transformar em ódio, ou em ambivalência com o ódio.

[...] nos compele a descrever como traumáticas também aquelas experiências nas quais nossos pacientes neuróticos parecem se haver fixado. Isto nos proporia uma causa única para o início da neurose. Assim, a neurose poderia equivaler a uma doença traumática, e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso. (FREUD, 1916-1917/1996, p.283).

Nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise, conferência XVIII (fixação em traumas – o inconsciente)” Freud (1915-1917/1996, p.283) revela que o termo traumático não teria outro sentido senão pelo sentido econômico, pelas neuroses traumáticas indicarem que há uma origem para que um evento traumático se torne real, no caso da violência doméstica e familiar, ocorre devido à uma ou várias vivências anteriores de uma figura primária de poder, mas que por conta das relações de parentalidade e afetividade não foram possíveis se tornarem conscientes, somente mais tarde, com a reprodução das próprias experiências será possível uma explosão do trauma, vindo à tona como um fato traumático, de processos mentais inconscientes virem a se tornarem conscientes.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DE AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Jurandir Freire Costa (1998) em seu livro *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico* comenta que seus artigos não têm por objetivo solucionar ou responder às questões sobre o amor, mas possibilidades de pensamento acerca do tema.

De acordo com Costa (1998, p.12):

(...)O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser em função do que julgarmos melhor para todos e cada um de nós. Para isso, entretanto, é preciso mostrar que nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas, qualquer que seja o sentido que venhamos dar ao termo perfectibilidade.

Segundo Costa (1998, p.13), “três principais afirmações sustentam o credo amoroso dominante: 1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas;” a segunda afirmação trazida pelo autor é a de que “2) o amor é um sentimento surdo à “voz da razão” e incontrolável pela força da vontade e” a terceira afirmação “3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar.”

Costa (1998, p.18) utiliza os termos “amor romântico” e “romantismo amoroso” e observa que o romantismo amoroso é predominante no ocidente.

O amor romântico, quando se estabilizou como norma de conduta emocional na Europa, respondeu a anseios de autonomia e felicidade pessoais inequivocamente criativos e enriquecedores. Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos. No presente, o cenário mudou. O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero. E, à medida que refluiu aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte da felicidade junto com o sexo e o consumo. (COSTA, 1998, p. 19).

A consolidação o ideal do eu em relação ao ideal de amor evidencia a idealização de felicidade e projeções assumidas por esse momento. Compreende-se que o ideal do eu é frustrado quando a formação subjetiva do ideal de amor não ocorre. A base do “amor romântico” que Costa (1998) enfatiza em seu texto, remonta

um período na Europa, em virtude de uma base cultural burguesa, que ainda hoje é reproduzida no “amor romântico”, provinda do modelo europeu e do controle estabelecido nas relações românticas, como o próprio autor menciona, utilizando-se do termo “moeda forte da felicidade.”

Além disso, destaca-se duas importantes formas de controle e poder, a primeira delas sobre o corpo, por meio do sexo, e a segunda, por meio do consumo, simbolizando status e poder, uma vez que é possível comprar e obter, por meio do consumo, no entanto, em nenhum momento, vemos o registro da participação da mulher enquanto autônoma de seus desejos e poder.

Segundo Costa (1998), o imaginário do ideal do amor é algo que se espera, porém, não há garantias de que o amor possa acontecer. A vida pública era mais interessante, no entanto, a busca pelo ideal de felicidade tornou-se o maior objetivo e gerador de frustração, nessa perspectiva, houve um deslocamento do que não é possível obter pela falta de investimento afetivo, pois as mulheres buscavam por emancipação, e não aceitavam a submissão como antes, essas transformações mudaram paradigmas acerca do lugar que a mulher ocupava, e por meio da busca por independência, tornaram-se evidentes as inseguranças e frustrações daquilo que fora instaurado como ideal para o masculino, encaminhando-se como gerador de “violências”, “competições”, “indiferenças”, perdendo o seu sentido romântico, do qual as mulheres submetiam-se.

Aprendemos a gozar com o fútil e o passageiro e todo “além do princípio do prazer” é só um vício de linguagem ou da inércia dos costumes. Em suma, vivemos numa moral dupla: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudades dos sentimentos. Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude! (COSTA, 1998, p.21).

Aconteceram muitas mudanças, apesar dos inúmeros retrocessos, mesmo com as transformações sociais, a manutenção da violência se instaura nos silêncios, da apropriação do corpo como objeto, sem levar em consideração o campo subjetivo, as dores, o respeito, aspectos da linguagem, o “não é não”, o ideal do eu, e não o eu ideal, castrador e narcísico, que rebaixa a mulher para se submeter ao outro como objeto.

No livro “Sem fraude nem favor”, de Costa (1998, p.47-48) no texto “A mística cristã e o amor cortês” revela vários tópicos sobre as regras do “Código do Amor encontrado num manuscrito do século XII”, são eles: “1. A alegação de casamento não é uma desculpa válida contra o amor.”; “2. Quem não é ciumento não sabe amar.”;

“3. Ninguém pode dar-se a dois amores.”; “8. Ninguém que não tenha um motivo razoável pode ser privado do direito de amor.”; “13. O amor divulgado raramente dura.”; “15. Toda pessoa que ama empalidece diante do amado.”; “Diante da visão imprevista de quem amamos, trememos.”; “21. Pelo verdadeiro ciúme, a afeição de amor sempre cresce.”; “23. Quem está tomado por pensamentos de amor come e dorme menos.”; “25. O amor verdadeiro só encontra o bem naquilo que pode agradar o amado.”; “26. O amor nada pode recusar ao amor.”; “27. O amante só pode saciar-se com o gozo do amado.”; “29. O hábito excessivo dos prazeres impede o nascimento do amor.”; “30. Uma pessoa que ama é ocupada pela imagem do amado assiduamente e sem interrupção.”; “31. Nada impede que uma mulher seja amada por dois homens e um homem por duas mulheres (ver Péret, op. Cit., e Markale, op. Cit).”

Ante o exposto, cabe mencionar que as frases contidas no manuscrito seguem reproduzidas na lógica da romantização do amor, na submissão do corpo, dos pensamentos, uma devoção ao amado, amado e não amada, ou seja, há uma devoção que se dá através do gênero feminino e não do masculino, o masculino recebe toda a devoção, o sacrifício da mulher, que para satisfazê-lo, deve submeter-se, exercendo a anulação e o não pertencimento de si mesma.

Entende-se, portanto, que o esvaziamento de si para caber no ideal do outro, da “autoperfeição”, é uma prisão que as mantém sob total obediência e controle, e infringir essa perfeição levam-nas a autoculpabilização de sua consciência moral, instituída simbólica e silenciosamente como pena a quem infringe o exercício da autoperfeição, e muitas das vezes essa punição vem do mesmo gênero, reforçando o padrão heteronormativo conforme Lagarde (2011 apud ZANELLO, 2018, p. 119) “aponta o quanto as próprias mulheres acabam por criar uma comunicação entre si na qual o que se passa são as experiências de como sobreviver nesse e a esse dispositivo.”

Nesse sentido, o controle exercido pela igreja e pelo patriarcado produzem significações acerca do masculino sobre a permissividade para produção de sofrimento às mulheres, da violência velada e silenciada, onde a relação afetiva se torna parte do domínio do corpo e de toda a subjetividade pertencentes à mulher para satisfação do outro, e que inconscientemente foi simbolizada como uma posse de direito do homem, da permissão não dita, acerca do corpo das mulheres e a dimensão que se tem de tudo isso, configuram-se formas violentas de domesticação do corpo, onde a mulher só existe no campo do desejo para satisfação do outro.

O posicionamento de Wolf (1992, p.113-114) é o de que os homens têm o direito de julgar a beleza das mulheres e o mesmo não é julgado, de acordo com a autora, o homem é visto como divino, por meio de um endeusamento naturalizado. Os homens exercem tantos privilégios e poder sobre os corpos das mulheres que a possibilidade de os contestar não é sequer questionada pela cultura.

A manutenção do controle exercido pelos homens através do patriarcado é explorada ao ditar regras sobre as mulheres de modo que se tornou uma relação entre dominador e dominada, ao apresentar-se muitas vezes sob os olhares dos homens com conotação sexual, uma das formas de reduzir a mulher ao corpo, quando elogia o corpo de uma mulher e quando a mulher também utiliza-se dos recursos que a indústria da beleza lucra em torno das mulheres, para que elas permaneçam sempre na busca de um ideal que agrada aos homens.

Esse ideal produz sofrimento pois a mulher procura se encaixar nesse padrão ao qual são submetidas, muitas vezes sem se darem conta que todos lucram com essa insatisfação, sejam os homens, seja a sociedade, menos as mulheres, que estão sempre em busca de agradar a tudo e a todos, através desse padrão que fora estabelecido na infância com as figuras parentais de representatividade e para a criança na fase de formação dos seus ideais, quando adulta, vive em uma prisão, na tentativa de caber.

Para Costa (1998, p.80-81), os padrões estabelecidos primordialmente como adequados nos diz que tudo que foge à regra, é considerado inadequado. Esses padrões impactam na vida privada e individual das pessoas. A vigilância provinda dos julgamentos acerca das ações eróticas fora naturalizada no decorrer do tempo, “pensamentos, imagens, sensações e sentimentos internos”. Foucault qualifica que as relações individuais vivenciadas de maneira sigilosa não eram mais o foco do juízo que as pessoas poderiam fazer, para elas, o que interessava era exercer o domínio dos “pensamentos, sentimentos e sensações libidinais” diante do desejo, como um poderoso equipamento onde o exercício do poder poderia ser exercido em sua totalidade por meio dos desejos individuais, interfeririam no direito à intimidade.

É importante salientar o quanto essas configurações delineadas no imaginário das mulheres são e foram criadas sob os moldes patriarcais, é uma luta diária o desafio de pertencimento e da não culpabilização de si, dos olhares reproduzidos pela sociedade como algo inadequado uma mulher que se posiciona sobre determinada situação, que opina, que decide, que escolhe, sobre o desejo, e

como tudo isso implica em um olhar de julgamento por parte do machismo que atravessa esse campo, são tabus enfrentados pelas mulheres, muitas das vezes no próprio ambiente familiar, onde as primeiras revelações das violências acontecem, por isso a dificuldade do reconhecimento das diversas formas silenciadas da violência nas relações afetivas, por não saberem nomear incômodos relacionados aos padrões normativos estabelecidos, surgem angústias advindas da infância que repercutem na fase adulta.

De acordo com Swain (2011 apud ZANELLO, 2018, p.83-84) em “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação” aponta que “o amor está para as mulheres, como o sexo está para os homens.” Ressalta que uma mulher que atende aos critérios de docilidade, devoção, amabilidade, as amantes que seguem costumes antigos de relacionar-se são mulheres consideradas ideais, “verdadeiras”, existem apenas para satisfação do outro em detrimento de si mesmas.

Mannoni (1999, p.15), tece considerações sobre o lugar da mulher no mundo convencional, dos silêncios, com destaque para o predomínio de um universo de aparências com a finalidade da aceitação afetiva no ambiente, em uma relação de ambivalência, de amor e ódio de ambos, pelo estranhamento que a relação constituída pela aliança familiar causa em ambos, em um sofisticado exercício do controle amoroso que define a relação a partir do casamento.

Ao se ver em um sistema conservador, em que os homens exercem a dominação a todo instante, as mulheres criam um mundo que representa as suas próprias riquezas, buscam por um ideal que consigam obter satisfação em meio à violência invisibilizada da vida privada. O sistema social de que Mannoni descreve, pode ser visto em “The Voyage Out: a vida só parece possível aos homens ao preço de não existir e ser apenas aparência.” As Mulheres criam um núcleo no qual é possível pertencer a elas mesmas. (MANNONI, 1999, p.15)

Mannoni (1999, p.15) lança uma pergunta: “É possível a felicidade entre homem e mulher? Não há resposta. Só uma pergunta insiste, enigmática, no não-dito, nesse “nada” * verdade insuportável da dificuldade que os homens e as mulheres sentem para amar-se na sua diferença.”

Rich defende que o domínio do patriarcado reforça a violência sexual contra as mulheres, e a desigualdade é imensurável que as mulheres se sentem totalmente dependentes dos homens, e não pertencentes de si mesmas. “É nessas formas que a heterossexualidade pode ser entendida, como uma instituição que opera através de

rígidas construções sociais de gênero e sexualidade.” Para Rich, a manutenção do controle social, da violência, da submissão e das opressões vivenciadas pelas mulheres são consequência desse sistema de dominação que as relações de poder masculino reproduzem. (RICH, 1929/2015, p.308).

Pereira (2007, p.459) destaca em sua resenha acerca do livro da autora Rita Segato, de título *Las Estructuras Elementales de la Violência. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicanálisis Y los derechos humanos*, publicado em 2003, os nove ensaios que Segato escreveu para que o conceito de violência pudesse ser entendido. Pereira menciona as conceituações que a autora produziu, fazendo uma leitura dos ensaios propostos.

O primeiro deles, com título “A estrutura de gênero e o mandato de violação”, Pereira (2007, p.459) conforme Segato faz uma análise das questões psíquicas, sociais e culturais que têm ligação com o fenômeno da violação, a autora observa que as estruturas diferenciam gênero com base em sua hierarquia, o que resulta num campo normativo intitulado pelo status, determinado pela violação através da “cobrança rigorosa, forçada e naturalizada de um tributo sexual”, pautado no poder sobre o gênero, e essa violação opera por meio da manutenção desse poder.

A origem da violência segundo Segato (2003 apud PEREIRA 2007, p.460) ocorre em dois pilares, o primeiro deles, se dá de forma horizontal, acompanhada por uma relação de acordo, no entanto, a “aliança” e a “competição” se faz presente. De acordo com Segato (apud PEREIRA 2007, p.260), a violência é determinada pela junção entre o pilar vertical de forma estável para que o pilar horizontal seja totalmente exercido, como exemplo, relações mantidas por um padrão onde a mulher esteja sempre disponível, tanto como objeto do lar, quanto diante da sociedade, do corpo educado, assim como afirma Foucault (2014, p. 223) em Vigiar e Punir, sempre pelo viés punitivo, do domínio, onde sair da regra é infligir uma lei gerida pelo olhar silencioso de quem detém o poder e controle narcísico com a finalidade da obtenção de status social diante dos pares.

Por outro lado, no pilar vertical, ocorrem relações de dominação sobre o dominado e esses pilares se consolidam de forma organizada e naturalizada. Para Segato (apud PEREIRA 2007, p.260), a violação é exemplificada através do estupro, numa relação de “mandato” direcionada a partir do gênero, pela apropriação do corpo

por meio da obediência, naturalizando o pertencimento do corpo aos comandos do dominador.

Para que o eixo horizontal aconteça de forma estável, é necessário que o eixo vertical, baseado no domínio e obediência mantenham-se estáveis diante da sociedade numa produção de significados de família feliz e perfeita, partindo do padrão estabelecido às mulheres, sobre o “dever ser”, mais uma vez, o próprio nome representa uma normalidade do que não deveria ser normalizada na vida das mulheres, para, somente assim, serem aceitas, em um modelo adoecedor.

Este modelo está alicerçado por uma estrutura maior, a do patriarcado, que atravessa a estrutura familiar e do contrato, devido ao lugar atribuído às mulheres, a dissolução ou a transgressão da aliança causa vergonha e medo ao sair da prisão ou “lar”, como foram ensinadas, assim como no mito da caverna, ensinam-nas que o mundo lá fora é perigoso, mas, mais perigoso é estar em um ambiente que as fazem sentirem prisioneiras diariamente, apesar de terem que lidar com estruturas misóginas.

Ao sair de relações familiares onde há a violência doméstica, as mulheres descobrem que o mundo é carregado de privilégios baseados no gênero, do qual não tiveram acesso, pois esse lugar é dado aos homens para constituição do seu narcisismo, no entanto, para as mulheres, o desamparo acontece diante de um ambiente amplo, sob a dominação do patriarcado nas diversas esferas sociais.

O entendimento acerca do patriarca sinaliza para o campo das representações inconscientes ou metafóricas no que diz respeito aos afetos como também dos valores estruturantes da sociedade, que exercem o controle a partir do ajuste social e da padronização do comportamento individual diante dos pares. O patriarcado está para o campo simbólico e se encontra enraizado e “invisibilizado” nas estruturas familiares, o acesso ao sistema patriarcal ocorre a partir do discurso que permanece e segue reproduzido como também pelas ações violadoras.

Segato aborda, ainda, diversas outras dimensões da violência. Entre elas., ressaltou: a) o exame da subjetividade dos sujeitos que utilizam a internet; b) e a apreciação da dimensão da violência moral em sua relação com as estruturas elementares da violência (PEREIRA, 2007 p.462).

Por influência das diversas perspectivas, Pereira ressalta a conexão que os conteúdos podem ser analisados em sua singularidade (PEREIRA, 2007, p.462). De

acordo com Segato (2003 apud PEREIRA, 2007, p.463), o poder exercido através do controle somados aos padrões morais e dos costumes são facilitadores para que ações violentas continuem sendo defendidas mediante as opressões baseadas no gênero, com a finalidade de proporcionar *status* a quem o detém.

Outro ponto observado por Pereira no ensaio de Segato em relação às “análises de gênero” e “violência de gênero” é a compreensão de que há uma artimanha estrutural, ou seja, uma estrutura sustentada por meio de privilégios que naturaliza as ações de determinadas pessoas baseadas em gênero, raça e classe. Na questão de gênero reproduz os privilégios de um indivíduo “branco, masculino, heterossexual e pertencente às elites.” Essas relações são hierarquicamente impostas por uma estrutura patriarcal configurada sob o viés de uma violência invisibilizada e naturalizada.

3.2 Discussão Geral

Esta revisão bibliográfica permitiu compreender os fatores socio históricos e culturais relacionados ao contexto intrafamiliar que se tornaram ainda mais evidentes devido à pandemia de Covid-19, por influência das relações instituídas primariamente, atravessadas por um encadeamento pautado pelo controle a partir do gênero, no tocante à intimidade de modo contratual e afetivo, com o propósito de estabelecer o domínio e a obtenção de *status*.

Descobriu-se após o início da pandemia, que houve aumento da violência e agressão às mulheres. Segundo dados obtidos pela pesquisa realizada por meio do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021, p.10) para cada 4 mulheres, 1 mulher afirma ter sofrido algum tipo de violência. Essas informações sinalizam para 17 milhões de mulheres que tiveram os seus direitos violados. Através desta pesquisa (FBSP, 2021, p.10), (73,5%) da população brasileira presumiu que houve aumento dos casos de violência contra as mulheres devido aos fatores e mudanças geradas pelo cenário da pandemia.

O ambiente familiar foi reconhecido de forma desigual pelas mulheres, por conta do aumento das atividades para além do que já era desempenhado por grande

parte das mulheres brasileiras, as mulheres relataram uma jornada maior do que antes da pandemia, gerando em (50,9%) das mulheres, aumento no nível de estresse no ambiente familiar. Reconhecer as atividades domésticas como uma atividade baseada no papel de gênero, reafirma diante da sociedade, que a jornada diária desempenhada pelas mulheres deve ser reconsiderada, com o propósito de desconstruir padrões aceitos socialmente, e que causam sofrimento psíquico na vida das mulheres, assim como pela disparidade das oportunidades de trabalho remunerado fora do ambiente familiar.

As descobertas do (FBSP, 2021, p.10), demonstraram que a violência contra as mulheres acontece por pessoas que mantêm proximidade no âmbito afetivo e familiar. Diante das informações identificadas através de (48,8%) mulheres vítimas de violência no ambiente familiar, mostraram que esse espaço revela-se um local inseguro para as mulheres, e por influência da pandemia, a possibilidade dessa amostra não constar uma totalidade de dados estatísticos sinaliza que nem todas as mulheres estão seguras ou não se sentem seguras no espaço que deveria ser de acolhimento e proteção, bem como os dados apresentados são uma base mas não confirma a abrangência que a violência pode ter ocorrido durante o período de isolamento, devido a subnotificação, significando que é possível a ocorrência de muito mais casos de violência.

Esta revisão apresentou os tipos de violência (FBSP, 2021, p.10), ocasionadas por diferentes maneiras, como a física, a psicológica, a moral, a sexual e patrimonial. Perante esses elementos, foram implementadas atuações diversificadas, para a possibilidade e acessibilidade aos recursos on-line que fossem favoráveis às mulheres no enfrentamento da violência doméstica dentro e fora de casa, e mesmo com os recursos e estratégias, devido a subnotificação, é possível que muitas mulheres possam ter vivenciado vulnerabilidades dentro e fora do ambiente familiar, dificultando o acesso à rede de apoio e aos dispositivos de proteção de forma efetiva.

Compreendeu-se que a violência é pautada em ações e omissões baseadas na questão de gênero estabelecidos pelo poder e controle, ocasionando inúmeras violências.

A partir da análise conceitual sobre a violência, descobriu-se a presença de um ciclo de violências que ocorrem nem sempre de forma organizada, mas que se

apresentam frequentemente, fazendo com que a mulher se sinta confusa nesse ciclo, onde as suas percepções do real são desvalorizadas. Ao se tornar consciente da percepção que fora internalizada em suas relações primárias, base para as escolhas de objeto, a sua percepção na relação familiar passa a não fazer mais sentido nesse novo cenário.

Nessa perspectiva, tornar-se consciente passa por uma série de desconstruções acerca de como os tabus são internalizados na vida das mulheres, desde a percepção das construções sociais e culturais instituídas na infância das mulheres, por meio de uma estrutura patriarcal, que instaura desde a infância, uma padronização do que é esperado na constituição do que é ser uma mulher.

A docilidade dos corpos, como mencionada por Foucault (2014, p.223) traduz essa submissão, em complemento, o controle exercido através do poder é sustentado pela disparidade de gênero e contribui para que o sistema de dominação dos corpos seja mantido pelo discurso do dominador e suas ações naturalizadas, da qual a sociedade insiste em manter invisível e inquestionável pois é um lugar confortável para os homens, privilegiado, não é necessário lutar por ele, com os não ditos esse lugar já é herdado e naturalizado.

Compreende-se que a norma instituída na sociedade e as proibições estão internalizadas no que se constitui tabu, pois não é necessária a utilização da linguagem em razão de que essas proibições são caracterizadas por meio da obsessão dos neuróticos, do não dito, que vem de algum momento do qual fora instaurado como representação simbólica constituinte na infância.

Nessa perspectiva, considerando o mito do amor romântico a uma soma de representações simbólicas interiorizadas psiquicamente através das figuras primárias, a internalização desse ideal refletirá nas relações que acontecerão na vida adulta. Desse modo, as escolhas de objeto serão equivalentes à percepção experienciada na vivência parental como boas escolhas a serem defendidas no contrato entre os pares.

A partir desse ponto, foi possível compreender a invisibilidade da violência de gênero, devido às construções internalizadas e reproduzidas através da romantização das relações, do não dito, do silenciamento, como também pelo reconhecimento da violência mediante os olhares repressivos, que mantêm reprimidos o desejo de sair de uma relação violenta juntamente com o medo de pedir ajuda. Consciente, a mulher

conseguirá buscar por recursos que garantam a sua proteção e poder sobre o seu corpo, até então destituído de si, em similaridade ao conceito do Panóptico, mediante uma figura de poder que está alicerçada no campo do não-dito, representados pelo medo e temor, sob olhares punitivos, esse olhar é reproduzido ainda hoje, sinalizando implicitamente, uma relação de obediência e de violência.

A norma representa, sobretudo para as mulheres, uma sobrecarga de obrigações que corroboram para violações de direitos, ao empobrecer-se de si mesma em atenção às demandas do outro, ao mesmo tempo em que essa adequação internalizada significa uma forma de pertencimento para a mulher numa sociedade que estimula a docilidade das mulheres e o corpo educado e obediente para atender ao domínio e controle gerador de status e poder.

Nessa relação de poder é estabelecido o narcisismo, onde o dominado se insere na relação como objeto de satisfação, e para isso, anula as suas necessidades para caber nas necessidades do dominador, mantendo esvaziada toda sua satisfação pessoal em detrimento de outrem. Em razão da busca inalcançável do ideal do eu, obtém-se pelo dominador uma identificação ao se colocar como objeto incessante por aprovação, mesmo que essas ações causem o esvaziamento de si, como resultado, aproxima-se desse eu ideal.

A concepção de Foucault (2014, p.223) em relação ao controle por meio da prisão para tornar os corpos dóceis pode levar à compreensão do narcisismo conceituado por Freud, pois estrutura-se mediante uma degradação do desejo, onde a utilidade dos corpos obedientes e sua apropriação é explorada por quem o detém.

Nesse sentido, a percepção do desejo experienciada pela mulher faz parte do ideal do eu, onde a mulher volta-se para si mesma, enchendo de si após o enlutamento devido à violência sofrida. Tornar consciente das representações primárias, destituindo-se de construções aprendidas é essencial para que as escolhas de objeto amorosas sejam movidas pela reciprocidade do ideal de amor.

A escolha de objeto promove injustiças na relação afetiva por uma das partes, devido a submissão, caracterizada por pulsões, de vida e de morte para satisfação do desejo, e, por conta da subordinação da vontade, a distância de ser amada se torna menor, através dos arranjos sociais, que ditam o formato ideal para aprovação diante da sociedade e apesar de causar insatisfação para si, essa adequação é barrada de

forma a reprimir os impulsos libidinais para aceitação social, que tem um valor normativo, acerca da obediência e docilidade instaurados na percepção de um padrão de mulher ideal, em atenção aos desejos de quem exerce o poder no contrato estabelecido.

A escolha de objeto estabelecida pelos homens segue pelo caminho interiorizado na sua constituição psíquica, tendo como referência quem dispõe do poder, em um lugar privilegiado para obtenção de autossatisfação da libido.

De acordo com as precondições apresentadas por Freud (1910/1996, p.173-174) para a escolha de objeto, estão contidas relações de dominação dos homens sobre as mulheres. Para tornar-se objeto de alto valor, é necessário a anulação de si para satisfação das pulsões libidinais do outro, o outro, aquele que obtém satisfação sexual sem estabelecer compromisso, porém, essa mesma satisfação não é naturalizada para as mulheres, já que, socialmente, quem detém o lugar de privilégio são os homens, mesmo nos “não-ditos”, nesses combinados de ajustes sociais que apontam vantagens apenas para os homens, do mesmo modo, deveria ser natural para as mulheres a obtenção de satisfação libidinal sem haver justificativas de suas escolhas acerca do desejo, para além do compromisso no campo da moralidade que é incorporado socialmente quando uma mulher se relaciona sem compromisso, apenas para satisfação libidinal.

Além disso, o machismo vem com uma série de artifícios incorporados nessa estrutura, com atributos desejáveis ao patriarcado, como docilidade, rebaixamento do eu, destituição dos seus valores para satisfação dos homens, submissão, para no final receberem um título de “objeto amoroso de mais alto valor”. Esses padrões, embora haja uma série de debates sobre essa construção, se mantêm nos alicerces do patriarcado, e, por conseguinte, pelo machismo.

Percebe-se que os moldes para a existência das mulheres exigem um confronto direto com a norma, num sistema perverso, que anula subjetividades e a autonomia dos seus corpos e da vontade. A dependência das mulheres à figura de poder se direciona para a necessidade do salvamento das mulheres através dos pares, como resultado, verifica-se que o dominador mostra sua vulnerabilidade, ao provar a necessidade de que a mulher precisa ser salva, o que, de fato, não precisa. Logo, o medo da perda do controle faz com que o dominador viole o direito das

mulheres para não perder o lugar de privilégio, que, para as mulheres, é uma luta constante para a que os seus direitos sejam preservados e respeitados.

Considera-se neste tópico, que o reflexo das figuras primárias apoia a constituição da vida adulta e sua relação com os pares para o Ideal do Eu. Em razão disso, as mulheres se identificam com a obediência que fora instalada desde a infância e aprimoram-se para caber nesses padrões, e toda fuga da norma significa a não adequação à sociedade, mesmo pelos “não-ditos”, o olhar punitivo se manifesta sob a vida cotidiana das mulheres, disfarçado pelos olhares silenciosos da sociedade, esse olhar é gerido individual e socialmente como contrato estabelecido pelos homens por gerações, sob os moldes do patriarcado.

No artigo de Freud (1912/1996, p.187) sobre a “Tendência universal à depreciação da esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)”, o autor traz o termo “poderosa corrente ‘sensual’”, e conceitua-o como um superpoder constituinte de sua personalidade, que poderá ser utilizado de maneira positiva ou negativa. Nessa perspectiva, há a oportunização para ações violentas pela apropriação e controle, que gera status e o não estranhamento da sociedade, entretanto, a postura da mulher que subverte a ordem é sempre contestada pelo discurso e pelos olhares do colonizador. Transgredir para as mulheres, significa rebelar-se contra os padrões impostos que causam a perda de direitos alcançados pelas mulheres para equidade de gênero.

Em razão disso, manifestações traumáticas advindas das vivências do trauma na experiência distante do ideal, podem gerar uma neurose de difícil acesso, que pela inabilidade de lidar com sua intensidade, poderia ser difícil de ser manejada, resultando no trauma.

A insatisfação produzida nas mulheres a fim de agradar, promove sua anulação e prisão, somente quando as mulheres conseguem reconhecer a relação de poder que está por trás do sofrimento que não fora nomeado, mas que foi percebido e funcionou como gatilho gerador de angústia, é que a culpa é liberada, e a liberdade e autonomia podem ser consideradas por parte da mulher, como sinal de pertencimento de si e de seu protagonismo.

A pergunta apresentada por Maud Mannoni (1923/1999) em seu livro *Elas não sabem o que dizem: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise* leva-nos a reflexão para a pergunta inicial, base para este estudo, quando Mannoni questiona se haveria

a possibilidade do amor sem a obtenção do poder sobre o corpo do outro, e com isso, conclui-se que a possibilidade de sustentar o amor se distancia do mito do amor romântico, pois essa estrutura propõe a anulação da vontade mediante a não expressão do gênero, inviabilizando a conveniência para o exercício do amor, não o amor exercido cultural e socialmente, mas o amor destituído do poder sobre o corpo e sobre as possibilidades que o desejo encontra em sua busca, sem violência e sem constrangimento da manifestação dos afetos pelos pares.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, consideram-se pertinentes o diálogo e o acesso aos dispositivos de proteção, bem como de políticas públicas, considerando esta conjuntura e os desafios para o enfrentamento da violência para que as mulheres possam ter uma vida livre de violência.

Nesse sentido, a Lei Maria da Penha é fundamental para que os direitos das mulheres sejam preservados, embora o aperfeiçoamento das práticas precise de mais celeridade para a defesa dos direitos e da autonomia sobre os corpos das mulheres e de suas escolhas.

Compreende-se que o narcisismo e o ideal do eu atuam no funcionamento psíquico como formas de comando nas entrelinhas das relações e promovem ações que estão respaldadas pelo silenciamento simbólico, que aprisiona as mulheres na vida privada pelo contrato.

Dessa forma, o privilégio concedido aos homens inviabiliza a possibilidade da autonomia dos corpos das mulheres, essa vantagem que não é advinda de lutas, mas naturalizada historicamente pelo patriarcado, assegura o poder e status aos homens, mesmo que para isso as pulsões de morte sobrevenham sobre as mulheres atravessadas pelo controle de seus corpos e pensamentos. Em virtude disso, é importante a desconstrução do amor romântico nas relações, tendo em vista os prejuízos na vida das mulheres que vivenciam a violência nas relações intrafamiliares.

Verifica-se a predominância em todo o estudo da violação do corpo das mulheres e as estruturas fornecem sustentação para sua continuidade. Em vista disso, é indispensável que a luta das mulheres pela equidade de gênero se mantenha firme, para que mais direitos sejam conquistados, e nenhum direito a menos.

Conclui-se que a literatura freudiana a partir da compreensão de totem e tabu, do narcisismo, da conceituação do eu ideal, do ideal do eu e a importância da formação primária na infância poderá ser internalizada, resultando, na fase adulta, na reprodução da interiorização com base nas identificações, em figuras de referência que serão a base para as escolhas de objeto nas relações amorosas, todos esses conteúdos favoreceram para a consolidação dessa revisão.

Foi possível estabelecer a conexão do tema sobre a violência doméstica com fragmentos da teoria psicanalítica, incluindo o mito do amor romântico no decorrer da escrita, agregado aos fatores sociais e culturais e a invisibilidade que a violência silenciada pode ser revelada na vida privada, tornando essa questão social um tema amplamente discutido.

Por fim, espera-se que esta revisão possa contribuir para a ruptura de padrões instituídos socialmente atravessados pelo machismo que produzem sofrimento psíquico e violação de direitos na vida das mulheres por meio de diversas violências. Além disso, é necessária a criação de grupos que permitam o debate inclusivo acerca desta questão social que impacta diretamente a vida das mulheres, com a finalidade de que mudanças urgentes ocorram na constituição das relações sustentadas pela objetificação do corpo e na produção de novas masculinidades fundamentadas pela educação e respeito às mulheres para que a autonomia das decisões no que se refere aos seus corpos sejam de corpos particulares e não de domínio público.

REFERÊNCIAS

AVON. Pesquisa Instituto AVON/IPSOS: **Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil**. p.4, 2009. Disponível em: < Avon-Ipsos-pesquisa-violencia-2011.pdf (digitaloceanspaces.com)>. Acesso em 11 jun. 2021.

AVON/IBOPE. Pesquisa Instituto AVON/IBOPE: **Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil**. 2011. p. 5. Disponível em: < Avon-Ibope-pesquisa-violencia-2011.pdf (digitaloceanspaces.com) >. Acesso em 11 jun. 2021.

BRASIL. **Lei 11.340**: Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. 2006. Disponível em < Lei nº 11.340 (planalto.gov.br)>. Acesso em 06 fev. 2022.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência Doméstica durante a pandemia de COVID-19. In: **FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA**. Nota Técnica FBSP: 2020. p.1-16.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP); DATA FOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. Visível e Invisível: A vitimização de Mulheres no Brasil. In: **FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; DATA FOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS**. 3.ed.2021. p.1-42.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014, p. 168-223.

FREUD, Sigmund (1910 [1909]) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910). In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI, p. 173-182.

FREUD, Sigmund (1910 [1909]) Sobre a tendência universal a depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: FREUD, S. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI, p. 183-197.

FREUD, Sigmund. (1913 [1912-1913]). Totem e Tabu: Tabu e ambivalência emocional. Notas do Editor Inglês (James Strachey). In: **Edição Standard Brasileira**

das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p.37- 88. 193- 194.

FREUD, Sigmund. (1914-1916). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. A história do movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago. 1996, v. XIV, p.81-113.

INSTITUTO MARIA DA PENHA (IMP). **Tipos de violência.** 2018. Disponível em: <Ciclo da violência - Instituto Maria da Penha > Acesso em 06 de fev. 2022.

INSTITUTO MARIA DA PENHA (IMP). **Ciclo da violência doméstica.** 2018. Disponível em: <Ciclo da violência - Instituto Maria da Penha > Acesso em 06 de fev. 2022.

MANNONI, Maud (1923 [1882-1941]) **Elas não sabem o que dizem:** Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999.

OLIVEIRA, D. et al. **COVID-19, Isolamento social e violência doméstica:** evidências iniciais para o Brasil. ANPEC: Área 12, p.3, 2020. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2020/submissao/files_l/i12-18d5a31144d9d12c9efbf9938f83318f5.pdf> Acesso em: 11 jun. 2021.

PENSADOR. Audre Lorde. Disponível em: <www.pensador.com/frase/MjUxMjlxNg/>. Acesso em: 19 jun 2022. © 2005-2022.

PENSADOR. Bell hooks. Disponível em: <Bell hooks (2) – Pensador>. Acesso em: 19 jun. 2022. © 2005 -2022.

PEREIRA, P. P. G. As estruturas elementares da violência. **Cadernos Pagu [S. l],** 2007, n. 29, p. 459-468. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000200018>>. Epub 29 Out 2007. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000200018>. Acesso em: 27 jun. 2022.

RICH, Adrienne ([1929-2012]) A heterossexualidade deve ser reconhecida e estudada como uma instituição. In: THORPE, Christopher (Org.). **O livro da Sociologia.** Tradução Rafael Longo. 1.ed. São Paulo: Globo Livros. 2015. p.304-309.

SANTOS, Adriana. A violência doméstica contra a mulher e o mito do amor romântico. **Cadernos de Graduação.** Maceió, V. 2, n.2. p.105-120, 2014.

SCHNEIDER, Ciomara. **Reflexões acerca da posição do psicanalista na clínica infantil frente a “querela” dos diagnósticos.** Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco. 1992. p.113-114.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** Cultura e processos de subjetivação. Paraná: Appris Editora. 2018.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica – Uma abordagem didática.** Porto Alegre: Artmed. 1999.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 2008, p.80-81.